

MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA E DIFUSÃO DOS CLUBES 4-S NO OESTE CATARINENSE (1970-75)

*Claiton Márcio da Silva**

Resumo

Este artigo objetiva discutir como o processo de modernização da agricultura é enfatizado pela revista *Celeiro Catarinense* (produzida em Chapecó), num momento em que as práticas modernizadoras adentram na região Oeste de Santa Catarina. Entre estas práticas estão os Clubes 4-S.

Palavras-chave: Modernização da agricultura, juventude rural, Clubes 4-S.

1. Uma breve introdução

Tenho como objetivo neste artigo discutir como o processo de modernização da agricultura brasileira é enfatizado pela *Revista Celeiro Catarinense* na década de 70, no município de Chapecó, num momento em que as práticas modernizadoras adentram na região Oeste de Santa Catarina, e entre estas práticas estão os Clubes 4-S.

Os Clubes 4-S (cuja sigla significa Saber, Sentir, Servir e Saúde) constituíram-se enquanto instrumento da Extensão

* Mestre em História Cultural pela Universidade de Santa Catarina – UFSC e Professor da Celer Faculdades. Este artigo faz parte da Dissertação de Mestrado, intitulada *Saber, Servir, Sentir: a construção do novo jovem rural em clubes 4-S – SC – 1970/1985*, defendida em fevereiro de 2002.

Rural para o trabalho com a juventude rural em todo Brasil. Estes clubes têm como matriz os 4-H-Clubs norte-americanos, que desenvolvem seus trabalhos desde o início do século XX nos Estados Unidos. Este instrumento de trabalho com jovens rurais foi adotado pela Extensão Rural no Brasil a partir da década de 50, pela antiga ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural), e por suas afiliadas em todo o Brasil. No caso catarinense, a implantação destes trabalhos ficou a cargo da ACARESC (Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina), que durante sua existência procurou introduzir técnicas e tecnologias “modernas”¹ aos agricultores do Estado. A modernização da agricultura catarinense se daria, segundo o discurso da ACARESC (pelo menos até fins da década de 70), pela introdução de *técnicas* (a maneira de lidar com a lavoura e o lar) e *tecnologias* (adubos químicos, máquinas agrícolas, etc.) *racionais* aos agricultores. Os Clubes 4-S estiveram inseridos nas estratégias de modernização da produção agrícola brasileira, e tiveram seu auge em Santa Catarina após a segunda metade da década de 70. Constituem-se, a grosso modo, em um programa de ação difundido pela Extensão Rural e que reuniu² em torno de si, jovens agricultores entre 14 e 25 anos, com o objetivo de propagar hábitos e técnicas de trabalho *modernas*.

A sigla 4-S significa *Saber, Sentir, Servir e Saúde*, ou seja, conforme o juramento prestado por estes jovens, estas palavras adquirem esta tonalidade:

Minha cabeça para SABER claramente
Meu coração para SENTIR maior lealdade
Minhas mãos para SERVIR mais e melhor
Minha SAÚDE para uma vida mais sã
Com meu 4-S, meu lar, minha comunidade
e minha Pátria
(JURAMENTO DOS JOVENS QUATROESSISTAS, 1977).

Os 4-H têm por significado Head, Heart, Hands e Health, ou seja:

HEAD: Cabeça – para Saber

HEART: Coração – para Sentir

HANDS: Mãos – para Servir

HEALTH: Saúde – Saúde (EMATER S.C/ACARESC, 1982).

A semelhança entre as siglas também aponta para a semelhança dos discursos, pelo fato de que os Clubes 4-S baseiam-se nesta experiência norte-americana. São vários os objetivos desta agremiação no Brasil, e dentre eles, a *conscientização* do jovem rural da necessidade e importância do seu trabalho para a sua própria formação, dentro do discurso extensionista. Para isso, ressalta-se o tríplice aspecto que permeia o desenvolvimento destes jovens, conforme coloca a ACARESC: *técnico, social e econômico dentro do desenvolvimento nacional*. Uma das grandes metas desse trabalho era levar aos jovens do meio rural, “o incentivo e os conhecimentos técnicos necessários para que, bem preparados, pudessem continuar no futuro a tarefa confiada a (por) seu país” (JORNAL OESTÃO, 1978). Trata-se de um discurso que pretende elaborar agricultores *modernos*, ou seja, que estejam aptos para lidar com as tecnologias que adentram no campo neste período, e ter responsabilidade sobre a produção econômica do país.

A ACARESC, difusora dos Clubes no Estado de Santa Catarina, surgiu nos anos 50, em meio a um tempo em que as discussões envolviam um dualismo entre campo e cidade, entre *arcaico* versus *moderno*. O meio rural foi identificado enquanto o lugar responsável pelo atraso do desenvolvimento nacional, sendo que a questão relativa ao subdesenvolvimento do país encontrava-se nos obstáculos que o Brasil agrário impunha ao Brasil do progresso. Visando uma definição para os novos caminhos a serem percorridos pela indústria nacio-

nal, as discussões sobre a agricultura brasileira giravam em torno da necessidade de profundas alterações no meio rural, pois, sem que houvesse um rompimento com a estrutura *arcaica* do campo, não poderia ser aprofundada a industrialização da sociedade brasileira.

A Extensão Rural e suas formas de organização (dentre elas os Clubes 4-S) ganham força no Oeste devido a toda uma série de discursos que procuraram legitimar a agricultura como sendo base da economia (sua funcionalidade no desenvolvimento econômico do país) e a região Oeste como Celeiro Catarinense, sendo o campo um lugar privilegiado para propiciar desenvolvimento ao país (uma espécie de mola propulsora).

Pretendo aqui falar sobre idéias que circularam na Chapecó do início dos anos 70, em que tinha-se em vista que o espaço urbano não podia perder alguns laços com o meio rural. Depois de um período de vida política institucional conturbada que culminou na cassação dos direitos políticos do então prefeito Sadi de Marco, por força do AI-5, em maio de 1969, Chapecó não pretendia perder a centelha do desenvolvimento. Centelha acesa, a meu ver, a partir da década de 50, e que ganhou novos contornos nas décadas seguintes. Um exemplo pôde ser observado nos festejos do cinquentenário do município (1967), período em que o município começou a ser desenhado mais intensamente enquanto um pólo regional.

Considero a Revista Celeiro Catarinense um espaço privilegiado para expressão do pensamento de uma elite local, e que pretendeu, ao longo de sua existência, focalizar *assuntos de interesse regional* destacando, segundo suas próprias palavras, "a produção agrícola e a indústria e o comércio e a pecuária e a agricultura e o cooperativismo e o sindicalismo" (REVISTA CELEIRO CATARINENSE, 1970). A revista teve como diretor-proprietário Gabriel Dezen, que administrou o Jornal Folha do Oeste nas décadas de 60 e 70. Para dar conta

de seus objetivos, a Celeiro possuía um grande time de orientação técnica, composto essencialmente por engenheiros agrônomos, médicos veterinários, bioquímicos, além de contar ainda com a assessoria de economistas domésticos.³ A Revista explicita a preocupação que o Governo Federal e Estadual tiveram com a moderna produção agrícola no Oeste Catarinense, sendo o município de Chapecó um espaço privilegiado de propagação destas idéias de modernização para os demais municípios da região.

Após esta breve introdução, pretendo entender que tipo de discurso foi apropriado pela elite chapecoense em relação ao campo no início da década de 70, de que forma este discurso foi construído, em que se apoiou e de que forma ele serviu para esta elite, que procurou difundir-lo. Como caminho principal para a pesquisa, em nível local, utilizarei a Revista Celeiro Catarinense, porém, procurarei estabelecer um diálogo maior com o material produzido pela ACARESC ou por quem dela fez parte (*seus pensadores*).

Em alguns momentos posso perceber que o(s) discurso(s) da revista se aproxima(m), em outros se distancia(m), fruto de um tempo em que os desejos de desenvolvimento de nossas elites afloravam. O(s) discurso(s) da revista, logicamente, não foi(oram) o(s) mesmo(s) ao longo de sua existência. Porém, nos primeiros anos da década de 70, algumas questões me chamaram a atenção, e é aqui que pretendo me ater, pelo menos inicialmente.

2. “Os alquimistas estão chegando”

Eles são discretos e silenciosos. Moram bem longe dos homens. Escolhem com carinho a hora e o tempo do seu precioso trabalho. São pacientes, pacientes e perseverantes. Executam segundo as regras herméticas desde a trituração, a fixação, a destilação e a coagulação (BEN, 1974)⁴.

Bem, nem tão discretos são os alquimistas de que falo: muito menos silenciosos. O tempo? Não é o tempo do relógio que estou metaforizando, mas o início dos anos 70. Ora, paciência e perseverança são dois adjetivos próprios para quem pensa a questão da agricultura no Brasil depois da segunda metade do século XX. Foi preciso paciência para executar, colocar em prática as regras herméticas, para produzir, vingar o ouro verde do nosso solo. Desculpem, mas é assim que penso a agricultura (que não está de maneira alguma isolada de outras questões nacionais) deste período: é preciso *destilar* o campo, *triturar* a pedra do saber costumeiro (do agricultor); para que tudo se transforme em ouro, para que o Brasil alcance um padrão de desenvolvimento desejado é preciso utilizar uma outra regra hermética, que é a *fixação*, posso pensá-la enquanto fixação de um discurso como forma de legitimar-se. Enfim, tudo que este discurso da Extensão Rural toca, procura transformar em ouro.

Ou melhor, nem tudo. Afinal, temos que partir de um ponto crucial para entender o processo: nem tudo é ouro, e somente por isso pode transformar-se em tal. O que estou tentando dizer é que primeiramente foi preciso mostrar aos órgãos competentes que o Oeste Catarinense precisava ser transformado, que ainda não era totalmente um literal "Celeiro Catarinense". Podemos perceber, por exemplo, que ao traçar um panorama da situação da agricultura no Estado de Santa Catarina, o engenheiro agrônomo Glauco Olinger (Secretário da Agricultura no governo Colombo Salles), caracteriza a região do Meio Oeste e parte do Oeste Catarinense como de:

Difícil mecanização dos cultivos. [...] Sua estrutura fundiária começa a apresentar o problema do minifúndio. [...] A topografia recomenda intenso trabalho de conservação do solo, em toda a área, dado que a terra é muito sujeita a erosão (OLINGER, 1970, p. 20-21).

Ora, neste momento, tudo é difícil, na lógica que vai se construindo, ainda mais quando o problema número um da agricultura catarinense

[...] é a baixa produtividade do trabalho humano, resultante do baixo nível de conhecimentos da tecnologia de produção e comercialização das safras. Ainda hoje é pouco expressivo o número de agricultores que estão modernizando suas empresas rurais e comercializando com sucesso (Ibidem, p. 19).

Na verdade, tudo vai mal: “Os levantamentos sobre os índices de sanidade das populações rurais catarinenses tem demonstrado alta incidência de verminose, decorrente da falta de hábitos de higiene adequados” (OLINGER, 1970, p. 20). O que este idealizador e intelectual da ACARESC pulveriza em sua palestra está amparado por mecanismos de reforço de autoridade: pesquisas. A ACARESC diagnostica as várias regiões do Estado, com embasamento empírico, demonstrando percentagens, fazendo crer que sobre sua constatação em relação ao campo não pairam dúvidas.

Pois bem, agora podemos entender este processo como a *institucionalização do atraso* (LOHN, 1996). Está *comprovado cientificamente* que a agricultura é *atrasada*, é *arcaica*. O segundo passo (e maior) é modernizar esta agricultura. Mas não se trata apenas de investir na mecanização, nos insumos... É necessário legitimar as *vocações*: da região Oeste como *celeiro* e do agricultor como o *sujeito* responsável por este processo. É necessário difundir estas representações sobre a agricultura (como lugar de *atraso*), e procurar um outro viés, outras formas de propagar um discurso em que a agricultura não será mais sinônimo de *arcaico*, mas de *modernidade*. Podemos entender representações, de acordo

com Roger Chartier (1991, p. 177), como mecanismo pelo qual “os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é deles.” As representações do mundo social,

[...] que à revelia dos seus actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990, p. 19).

O que há de novo neste momento é um pensamento que a todo momento tenta se legitimar. Trata-se de um viés racionalista desenvolvimentista (CAMPIGOTTO, 1996), que procura deslegitimar outras possíveis formas de ver o mundo e implantar um novo sentido, racionalmente planejado. Então, qual a saída proposta por nossos alquimistas de plantão? Transformar, esquadriñar, rearticular, (re)compor técnicas, tecnologias, e fazer do campo um lugar moderno. Neste sentido, um dos pensadores mais influentes no Estado, Glauco Olinger, ressalta frente aos *problemas* levantados:

[...] estabelecemos como objetivo da política governamental, com vistas ao desenvolvimento da agropecuária, a elevação contínua da produtividade do trabalho do agricultor. E definimos a produtividade, envolvendo o aumento da produção, da renda e a aplicação desta, de forma a elevar o nível de vida da família rural. Tal objetivo só é alcançado pela mudança de hábitos, atitudes e habilidades dos agricultores ou seja, pela transformação de uma agricultura tradicional em uma agricultura moderna (OLINGER, 1970, p. 25).

Posso perceber uma aproximação nas falas de Olinger com discussões que fizeram parte da academia na década de 60 em relação à economia e agricultura. Num primeiro momento, a visão do campo enquanto lugar de *atraso* está ligada ao pensamento tido como *a agricultura enquanto en-*

trave do desenvolvimento, e um dos seus principais defensores é o economista (e ministro de João Goulart) Celso Furtado. Este foi responsável pela elaboração do Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social (1963-1965), que procurou recuperar o *vigor desenvolvimentista* da economia brasileira. Num outro momento, posso vislumbrar uma outra vertente (e veremos isto mais adiante), chamada de *funcionalidade da agricultura*. Este pensamento distancia-se do primeiro, pois defende que a agricultura sempre cumpriu seu papel econômico (GONÇALVES NETO, 1997, p. 123 e 66, respectivamente). Um de seus defensores é Antônio Delfim Neto.

E este é um ponto importante para a compreensão da pesquisa que me proponho a investigar: as discussões acerca dos rumos de nossa economia brasileira (inclui-se aqui a agricultura) não fazem parte apenas do cenário acadêmico. Muitos dos debatedores e defensores de determinada corrente de pensamento tiveram participação na elaboração dos famosos planos de desenvolvimento, tão presentes nas décadas de 60 e 70. Com isso, pretendo mostrar, embora timidamente, que estas discussões não estiveram atreladas unicamente à academia, mas que elas tentaram de alguma forma ecoar pelo campo.

É necessário entender que um tipo de agricultor deveria ser formado neste momento: um agricultor moderno. Não preciso com isso tentar entender as formações discursivas desde os mais remotos tempos acerca da Extensão Rural: procuro entender estes discursos como fruto de um tempo e como possível elemento para a formação deste novo agricultor elaborado discursivamente. Além disso, embora neste momento as ações efetivas para a modernização do campo não se constituam como objetivo do meu trabalho, o discurso neste período esteve aliado a práticas efetivas no âmbito nacional, estadual e municipal para alcançar os ob-

jetivos que se propunham. É tempo dos Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND's), e mesmo em Chapecó, a partir de 1973, do Projeto Chapecoense de Desenvolvimento. Mesmo tendo um cunho *urbano*, este planejamento previa para a agricultura, dentre outras coisas, a criação de um Fundo de Mecanização Agrícola. Junto ao Projeto Chapecoense de Desenvolvimento surge o FUNDEPRO – Fundo do Desenvolvimento da Produtividade, com o objetivo de estimular a produtividade no município. Estes programas surgem tendo-se em vista a “necessidade de alcançar os índices de produtividade preconizados para o período” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ, 1973).

3. “Plante que o Governo Garante”

[...] Tem um crédito fácil que o governo dá
Hoje tem adubo pra planta crescer
Tem inseticida pra planta vingar
Tem irrigação pra ela se animar
Tem facilidade para o trator
Só Falta o Amor!!!
[...] Plante mais que o governo garante
(HINO DA TERRA, 1970).

É preciso ter claro que na lógica que vem se construindo acerca do campo, a “economia nacional poderá falhar se o agricultor não reagir” (REVISTA CELEIRO CATARINENSE, 1972). É necessário sincronizar o passo entre a agricultura e a indústria no país. Para o então Ministro da Fazenda, Delfim Neto, “Uma agricultura forte multiplicará as oportunidades que este país tem para alcançar, com rapidez, o seu desenvolvimento pleno.” Palavras estas, proferidas no lançamento nacional do Programa Plante que o Governo Garante, do qual Chapecó foi palco. Isso significa, segundo Delfim, que “nós precisamos crescer estimulando ao mesmo tempo a ex-

pansão industrial e o fortalecimento da agricultura" (REVISTA CELEIRO CATARINENSE, 1970, p. 17).

Esses representantes do Governo Militar, que se instaurou no Brasil a partir de 1964, trazem consigo a maneira de como alcançar os objetivos propostos de desenvolvimento. Afinal,

É por isso que estamos aqui, os Ministros da Agricultura e da Fazenda, para dizer aos senhores que plantem mais. Que o façam buscando melhoria de produtividade, através do uso de fertilizantes, de equipamento agrícola, de semente selecionada (Ibidem, p. 18).

Temos então, relações que se cruzam e que não podem ser entendidas separadamente: a agricultura é a base do desenvolvimento; os meios para melhor firmar-se é através do uso de técnicas e tecnologias *modernas*. Este é um pensamento que está no bojo dos trabalhos com Extensão Rural em Santa Catarina, ou seja, que é através da utilização dos modernos insumos, da mecanização do campo aliada a uma mudança de hábito por parte dos agricultores que seria consolidada a evolução tão desejada. Digo evolução por tratar-se de um pensamento que busca alcançar um objetivo final, um lugar ou um resultado desejado, idealizado.

O discurso que trata da agricultura como sendo base do progresso nacional (*a funcionalidade da agricultura* em contraposição ao *entrave* de Furtado) é apenas uma em muitas teses sobre o campo brasileiro, e que circulou pelas academias nas décadas de 60 e 70. Mas o que me interessa especialmente nesta tese é que ela chegou de forma contundente ao Oeste Catarinense, sendo um de seus principais defensores um pensador influente no regime que se instaurou no Brasil a partir de 1964: Antônio Delfim Neto. Segundo o ex-presidente Ernesto Geisel, Delfim Neto

[...] era muito centralizador dos assuntos relativos à economia. Tomava conta de tudo, conversava com o Médici, e este concordava com o que ele queria fazer (D'ARAÚJO e CASTRO, 1997, p. 221).

Delfim Neto, Ministro da Fazenda de Médici, era considerado um dos três grandes de seu governo, juntamente com Leitão de Abreu e Orlando Geisel. Mas isso não quer dizer que o vejo como o autor único de um discurso. Entendo por autor, de acordo com Foucault (1998, p. 26-28), não como o "indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto", mas o autor "como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência." Através de Delfim Neto as palavras ganham legitimidade e autoridade.

Por meio desse discurso, pretende-se garantir a produção através de seus incentivos financeiros e técnicos, e, portanto, coloca-se no direito de cobrança: pretende-se impor aos agricultores responsabilidades quanto ao seu trabalho; pretende-se regular a vida coletiva, definir os lugares e os deveres, estabelecer formas de controle dessa mesma vida coletiva. Isto é ressaltado logo adiante por Delfim Neto:

Nós queremos que a mensagem do governo do Presidente Médici seja bem entendida: as comunidades dos agricultores tem uma responsabilidade imensa no esforço de toda a Nação pelo seu desenvolvimento. O governo dá apoio e segurança e deseja em troca o aumento da produção e a melhoria dos padrões de produtividade (Ibidem, p. 18).

No discurso está presente um agricultor que terá incentivos, e por isso há de ser um dos responsáveis pela sustentação da economia do país. Não podemos perder de vista que a região Oeste de Santa Catarina é representada nes-

te momento (aliás, não apenas neste momento) como “Celeiro Catarinense”, portanto, lugar propício para o desenvolvimento da agricultura, uma importante fonte para o desenvolvimento da nação.

É a partir da idéia de desenvolvimento que se procura elaborar estratégias discursivas, difundir a idéia de que é no campo que o jovem agricultor deve permanecer, mas não de forma estática: deve se modernizar, sempre no sentido de alcançar algo ideal. É um momento de difusão da ACARESC na região, que chama para si a responsabilidade de chegar até o mais longínquo agricultor, na mais afastada comunidade para lhe dizer *que é preciso ser moderno*. A argumentação dos representantes do Governo Federal é apropriada pela revista Celeiro Catarinense, de modo que serve de fonte para seu discurso sobre a agricultura, a indústria e suas possíveis formas de desenvolvimento.

O que estou tentando mostrar é como o discurso traz a *necessidade* de fixar o agricultor ao campo. Trata-se de um discurso que pretende definir os espaços e formas de atuação dos agricultores, fazendo-os sentir-se responsáveis não mais pela sua própria subsistência, mas por algo mais amplo, o nacional. Neste sentido, os Clubes 4-S, considerados programas de educação, difusão de técnicas e tecnologias ao jovem agricultor, vêm para dar conta de algumas necessidades. Mas os Clubes 4-S não são uma *evolução* do discurso desenvolvimentista: eles já existem neste momento, mas ganham força para suprir uma *necessidade* de modernização. Este programa traz consigo estratégias capazes de obter um certo tipo de controle sobre a população rural, de fixar o jovem ao campo. É um programa que, pelo menos de longe, aponta para a idéia proposta (a agricultura enquanto sustentação do processo de industrialização do país). E é frente a esse contexto que os clubes se disseminam na re-

gião Oeste. É o período desenvolvimentista, e os Clubes 4-S vêm ao encontro desse pensamento, discurso que a elite chapecoense se apropria e faz seu. Trata-se de um programa para jovens com vistas ao moderno.

Logicamente, os Clubes 4-S não são disseminados em nome do atraso. A ACARESC representa o campo (principalmente na década de 60) como sendo lugar de entrave ao desenvolvimento, e tal disseminação não teria a motivação que teve se representassem o atraso. Um jovem rural, certamente, não seria um militante do atraso. Quando falo em jovem rural, não se deve perder de vista que é o jovem 4-S, ligado ao programa da Extensão Rural, que vai militar em nome do moderno, do desenvolvimento.

Através da revista *Celeiro Catarinense*, a região Oeste de Santa Catarina é construída discursivamente enquanto o lugar da agricultura moderna, acompanhada de perto pelo Governo Federal e Estadual. Neste sentido, a Extensão Rural procurou enfatizar em seus discursos uma dicotomia entre o arcaico (o saber costumeiro) e o moderno (a utilização racional de técnicas e tecnologias ligadas ao campo), procurando ressaltar o *novo* sobre o *velho*.

O discurso oficial, institucional, propagado neste caso por representantes do Governo Federal e Estadual, foi aceito e reproduzido por esta elite chapecoense, mas também de Santa Catarina, que usou e abusou do mesmo. O desenvolvimento é a questão: a modernização do campo é um meio para alcançá-lo. A revista *Celeiro Catarinense* faz suas as palavras dos representantes da ordem: procura difundir o discurso de um grupo com influência nos rumos da economia do país, que vem ao encontro dos interesses das elites locais e estaduais, ávidas pela consolidação de Chapecó como uma cidade moderna e que produz dentro dos padrões modernos. E como falei no início, sem perder de vista os laços com o campo.

4. Notas

1 Quando me refiro à modernização, penso esta como tempo tecnológico. Quando, por exemplo, os agricultores não trabalham e produzem de acordo com a lógica do capital que adentra ao campo, estes agricultores são caracterizados, pelo discurso da ACARESC, como *atrasados*. Aos que trabalham nesta lógica, são caracterizados como *modernos*.

2 Ainda existem Clubes 4-S no Estado de Santa Catarina, porém, não estão ligados ao serviço de Extensão Rural. Portanto, quando me refiro aos Clubes 4-S, falo de seu modelo *clássico*, ou seja, quando sua organização era acompanhada de perto pela ACARESC. Posso dizer que este modelo tenha permanecido até a metade da década de 80 em Santa Catarina.

3 No quinto número da revista, por exemplo, constituíam a orientação técnica seis engenheiros agrônomos, quatro médicos veterinários, entre outros.

4 Utilizei a metáfora dos alquimistas a partir da letra do autor.

5. Referências

BEN, Jorge. Os alquimistas estão chegando os alquimistas. In.: *A tábua de esmeralda*. Rio de Janeiro. Polygram, 1974.

CAMPIGOTO, José Adilçom. *Roças, empresas e sonhos: jogos e discursos (A CPT em Santa Catarina)*. Florianópolis, 1996. (Dissertação de Mestrado em História).

CELEIRO CATARINENSE. *Orientação técnica, cultura e atualidades*. Chapecó, out. 1970. nº 5.

_____. *Orientação técnica, cultura e atualidades*. Chapecó, out. 1970. nº 9.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos avançados. São Paulo: USP, v. 5, nº 11, jan/abril, 1991.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

D'ARAÚJO, Maria Celina e CASTRO, Celso (Orgs). *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

EMATER S.C./ACARESC. *II Seminário Regional de Juventude Rural 4-S*. Região de São Miguel do Oeste: 24-25 e 26 de set. de 1982.

_____. *II Seminário Regional de Juventude Rural 4-S*. Região de São Miguel do Oeste, 24-25 e 26 de set. de 1982.

FALCON, Francisco J. Calazans. *História e representação*. [Rio de Janeiro] : [s.n], [entre 1998 e 2000]. (Cópia de original).

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Estado e agricultura no Brasil*. Política agrícola e modernização econômica brasileira (1960-1980). São Paulo: HUCITEC, 1997.

HINO da Terra. *Revista Ceieiro Catarinense*. Chapecó, out. de 1970, nº 5. (Não consta o autor do hino).

JORNAL OESTÃO. Chapecó, 05 de out. de 1978.

JURAMENTO dos jovens quatroessistas. ACARESC – Serviço de Extensão Rural. *Relatório da II Convenção Inter-Regional de Clubes 4-S*. Palmitos, 1977.

JUVENTUDE Rural em evidência máxima. 8.500 jovens rurais participaram da II Convenção Estadual de Clubes 4-S. In.: *Jornal "Oestão"*, 05 de out. de 1978.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Campos do atraso, campos modernos*. O discurso da extensão rural em Santa Catarina (1956-1975). Florianópolis: UFSC, 1996. (Dissertação de Mestrado em História).

MUSSOI, Eros Marion. *Juventude rural: em busca de um trabalho sob nova dinâmica*. Florianópolis: EPAGRI, 1993.

OLINGER, Glauco. Panorama da economia de Santa Catarina. In: *Ciclo de estudos sobre segurança e desenvolvimento*. Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), 1970.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPECÓ. *Boletim Oficial do Município*. Chapecó: Ano I – nº 9. 1ª quinzena de set. de 1973.

REVISTA CELEIRO CATARINENSE. Orientação técnica, cultura e atualidades. Chapecó, out. 1970. nº 5.

REVISTA CELEIRO CATARINENSE. Orientação técnica, cultura e atualidades. Chapecó, out. 1972. nº 9.

REVISTA CELEIRO CATARINENSE. Chapecó, out. 1970. nº 5. p. 17.

SILVA, Claiton Marcio da. *As eleições de 1969 em Chapecó no contexto da ditadura militar*. Chapecó, CNPq/UNOESC, 1999. (TCC em História).

WAGNER, Eugênia Sales. *Michel Foucault: o historiador do presente*. Estudos Leopoldenses, 1998, p. 94, vol. 2. nº 1. (Série História).

Abstract

This article aims to discuss how the modernizations of agriculture are emphasized in the magazine *Celeiro Catarinense* (a magazine produced in Chapecó) in the moment when the modernizers practices goes into West region of Santa Catarina state and among of this, in the 4-S Clubs.

Key Words: Modernizations of agriculture, rural youth, 4-S Clubs.

